

# **Gênero e sexualidade nas aulas de ciências: em análise a noção dos docentes entremeada pelo currículo de ciências no 8º ano do ensino fundamental**

## **Gender(s) and sexuality(s) in science classes: in analysis the teachers' notion intermediate by the science curriculum in the 8th grade of elementary school**

**Jane Gabrielle da Silva Moura**

Universidade do Estado do Amapá (UEAP)  
Janemoura258@gmail.com

**Danielle Dias da Costa**

Universidade do Estado do Amapá (UEAP)  
danielle.costa@ueap.edu.br

### **Resumo:**

Este estudo buscou problematizar as noções de gênero e sexualidade nas aulas de Ciências, partindo dos discursos docentes. Utilizou-se como metodologia a abordagem qualitativa, pesquisa de campo, por meio de entrevista semiestruturada com três professores da rede Pública de Ensino de Macapá-AP e da análise de materiais didáticos utilizados por eles. Utilizou-se os conceitos de sexualidade e discurso de Michel Foucault, para análise da empiria. Em síntese, os discursos docentes reiteram as concepções de sexualidade heteronormativa pelo currículo da área de Ciências, ao se tratar da reprodução humana, infecções sexualmente transmissíveis, sem se aprofundar nos aspectos da sexualidade daqueles que se identificam o seu ser social diversamente do seu ser biológico – gênero. Por outro lado, já se vê alguns movimentos pontuais de abordar a identidade de gênero, somente em termos da convivência com o diferente.

**Palavras-Chaves:** ensino de ciências; gênero; sexualidade; docente; Michel Foucault.

### **Abstract:**

This study sought to problematize the notions of gender and sexuality in Science classes, starting from the teachers' speeches. A qualitative approach was used as a methodology, field research, through semi-structured interviews with three teachers from the public education network of Macapá-AP and analysis of teaching materials used by them. Michel Foucault's concepts of sexuality and discourse were used for empirical analysis. In summary, the teaching discourses reiterate the conceptions of heteronormative sexuality in the curriculum of the Science area, when

dealing with human reproduction, tolerantly transmissible, without covering aspects of the sexuality of those who identify their social being differently from their biological being – genre. On the other hand, one can already see some specific movements to approach gender identity, only in terms of coexistence with the different.

**Key words:** science teaching; genre; sexuality; teacher; Michel Foucault.

## Introdução

Quando se trata de sexualidade e de gênero na história, é notório que existem regramentos que estabelecem o considerado ideal, normal e correto no meio social, isso por diversas estratégias e princípios do tipo morais, legais, biológicos, religiosos. Tais normas, não são o “natural”, o que precisa ser seguido, mas tratam-se de processos culturais que funcionam mediante relações de poder, relações estas, que por meio de uma série de discursos serviram e a ainda servem enquadrando os indivíduos para determinados modos de ser e viver, por exemplo, a sua sexualidade e de se identificar como homem ou mulher em função do seu ser biológico.

É possível compreender que existe uma “fôrma” que produz o que se diz como sexualidade e suas formas de ser, ao se ter como referencial uma vertente pós-estruturalista, em que o padrão de sexualidade se trata de um dispositivo histórico e não um atributo natural dos corpos (FOUCAULT, 2018). Nessa perspectiva, é possível considerar que as noções de masculino e feminino foram produzidas e naturalizadas na sociedade “por meio de normas instituídas, divulgadas, citadas e repetidas de diferentes modos em diferentes espaços, inclusive no currículo escolar” (PARAISO; CALDEIRA, 2018).

Considerando que sexualidade, e em menor grau gênero, são temas pontuados transversalmente e diretamente na matéria de Ciências no Ensino fundamental II, busca-se problematizar as normalidades reiteradas sobre estes temas. Afinal, é relevante considerar isto, pois cabe aos professores(as) considerarem e tratarem de gênero e de sexualidade para além dos tópicos da biologia e da reprodução humana prescritos no currículo oficial, visando que as “diferentes formas de viver a sexualidade saiam do lugar de silêncio e de omissões para o centro das desnaturalizações e problematizações do masculino e feminino, do heterossexual e do homossexual nos mais diferentes currículos” (PARAISO; CALDEIRA, 2018).

Partindo do exposto, este trabalho partiu do seguinte problema de pesquisa: como docentes concebem gênero e sexualidade entremeados por suas vivências em sala de aula e pela relação com o currículo de Ciências no Ensino Fundamental II?

Reconhecendo o professor como um mediador, facilitador e principalmente como um dos sujeitos com o atributo de contribuir com a formação de um coletivo de indivíduos, refletir acerca das concepções docentes sobre gênero e sexualidade inseridas no ensino se torna essencial para entender de que maneira as noções que circulam na sala de aula podem ser incorporadas pelos aluno, no sentido de colaborar ou não para o desenvolvimento do que diz respeito a (des)igualdade de gênero e a discriminação/respeito à diversidade sexual que são debates/problemas sociais que afetam tanto a educação escolar como a sociedade

ao todo. Portanto, como objetivos desta pesquisa, buscou-se analisar as principais concepções de gênero e sexualidade que permeiam as aulas de Ciências, investigando por meio do discurso docente, bem como identificar como tem se encaminhado os movimentos no sentido da construção de um currículo problematizador na escola.

## **Fundamentação Teórica**

### **Gênero e sexualidade e o Currículo Escolar**

Os temas de Gênero e Sexualidade têm sido foco de muitas produções acadêmicas, um exemplo são os anais do ano de 2017 e de 2019 do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), no qual totalizam um acervo de vinte e quatro estudos relacionados ao tema, destes, sete pesquisas tem enfoque direcionado ao currículo e a prática docente, que em geral buscaram compreender acerca da: formação do professor em sexualidade; a sexualidade na Base Nacional Comum Curricular; concepções e narrativas docentes sobre o tema; a importância da formação continuada sobre gênero e sexualidade e as consequências do sexismo por parte de docentes para a percepção de ciências. Nesse sentido, a presente pesquisa se apresenta para ampliar esse leque de discussão, com especial atenção para analisar se as concepções de gênero e sexualidade incorporadas nas aulas de ciências por parte dos docentes.

Discutir sobre gênero e sexualidade no meio educacional se faz essencial para desmistificar as diferenças, preconceitos, estereótipos e regras de comportamentos instituídas socialmente que afetam a escola como espaço democrático, entretanto, o tema tem sido alvo de embate no currículo escolar por grupos reacionários que em nome do controle moral da educação, visam impedir que o tema continue sendo tratado no âmbito escolar.

Paraíso (2018, p. 24) reconhece o currículo como espaço histórico de difusão das normas pelas quais nos tornamos homens e mulheres e um meio de legitimar as classes dominantes da sociedade, determinando além de classificações, desigualdades que costumam se expressar em sala de aula por textos (verbais e ilustrativos) e falas sexistas que ainda na escola determinam diferentes lugares para os gêneros, os quais reduzem as meninas ao papel de serem mães, adequadas ao padrão de beleza enquanto aos meninos é intitulado o dever de ser forte, trabalhador e provedor de sua família.

A autora explicita ainda, que pelo fato de as teorias do currículo estarem situadas em um meio social, faz com que o currículo seja um objeto de interesse de diferentes grupos, tornando a escola um ambiente vulnerável a uma visão conservadora e pragmática. Machado, Narvaes e Oliveira (2021) em Políticas de Formação docente e as questões de Gêneros e Sexualidades, integram que o tema gênero e sexualidade entraram em grande debate social durante governo Temer (2016) após ser retirado da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) a obrigatoriedade de se tratar gênero nas escolas, o ocorrido esteve sustentado pelo slogan de “ideologia de gênero” (tema nunca abordado na BNCC), fato é considerado um retrocesso para a educação.

Mesmo que se reconheçam as muitas formas de viver o gênero e a sexualidade, somente uma conduta vem sustentado por muito tempo os currículos e as práticas nas escolas, “há um consenso que a instituição tem obrigação de nortear seus currículos por um padrão onde haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade” (LOURO, 2012, p. 43)

No ambiente escolar a heteronormatividade é exercida pela invisibilidade e inferioridade das representações de pessoas que se identificam como não-heterossexuais, sendo assim, “na ausência de representações (e, sobretudo, de representações positivas), como interpretar esse outro que escapa à norma como familiar, próximo, humano ou mesmo como alguém que eu também gostaria de ser?” (SANTOS, 2010, p. 8), isto é, a falta de visibilidade e representações positivas da população LGBTQI+ dentro do ensino escolar impede que socialmente os gêneros e as sexualidades sejam vistos como habitual (normal) e respeitados em sua diversidade.

## **As Diferenças de Gênero e de Sexualidade**

Na obra *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*, Silva (2014) entende a identidade de um sujeito como uma produção do meio social e cultural, através de discursos de linguagens, deste mesmo modo, entende-se que as diferenças dos sujeitos sejam por gênero, sexualidade ou etnia são reproduzidas por meio social a partir de repetitivos discursos culturais. Como identidade, Gênero é tratado como o processo pelo qual é realizada a naturalização das noções de masculino e feminino por meio de normas instituídas.

Na escola essas identidades são ditas em ações quando as cores são generificadas, meninos não podem dançar por “ser coisa de menina”, quando meninas são excluídas de jogos de futebol por ser um “esporte masculino” ou quando são incentivadas a brincadeiras que remetem às tarefas domésticas enquanto os meninos são incentivados a esportes coletivos e que exigem esforços físicos, entre outras atitudes que reforçam a desigualdade entre os sexos, neste caso, “mesmo não sendo a principal responsável pela construção deste modo de pensar, a escola colabora na sua perpetuação ao não questioná-lo ou modificá-lo” (SILVA, SILVA e SANTOS, 2009, p. 5).

Quanto a sexualidade, conforme pesquisas sobre Currículos, Gêneros e Sexualidade, Paraíso e Caldeira (2018, p. 244) com base em conceitos elaborados por Foucault, apresentam que na história a sexualidade se torna objeto de análise e alvo de intervenção estatal, religiosa e familiar por meio de controle taxas de natalidade, da idealização da idade do casamento e até mesmo da vida sexual, neste processo, a medicina desempenhou o papel de instituir o princípio do normal e anormal na ordem sexual.

Em função dessa vigilância sobre a sexualidade, a partir do século XVII a figura do homossexual foi vista como um comportamento anormal, de perversão e como aberração sexual, acarretando a rejeição da homossexualidade e a consideração da mesma como patologia social. No ano de 1950, houve formulação crítica ao discurso de caráter patológico e marginal da homossexualidade e o combate a esse discurso só adquiriu forças a partir dos

estudos críticos do século XX.

Desconsiderar o homossexualismo como patologia foi o primeiro avanço nesta área, de modo a abrir espaço para novos tipos de ativismo na atualidade, como a *teoria queer* e a visão não binária da sexualidade que surgem como uma crítica à normalização, para qualquer dimensão do gênero ou da sexualidade. Atualmente as teóricas e teóricos queer buscam a desconstrução do binário seja o homem/mulher no caso do gênero, seja o heterossexual/homossexual, no caso da sexualidade de modo que “os corpos queer são símbolo da sua própria resistência: são trans, dragqueens, ciborgues” (REIS 2017, p. 17), os quais não se identificam com nenhum dos gêneros existentes.

Diante dos conceitos de identidade e diferença abordados por Silva (2014) é possível compreender que os discursos produzidos para identificar o gênero e a sexualidade por vezes podem estar sustentando padrões, estereótipos e preconceitos, criados a partir de uma relação de poder que está relacionada diretamente às formas pelas quais a sociedade cria e utiliza a hierarquização, onde uma identidade é normalizada e as outras são vistas como distintas, sendo expressadas em oposição binária onde um dos termos dispõe de valor positivo e o outro de valor negativo: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual.

Na vivência social, as diferenças se exprimem de maneira que o feminino é visto como sexo frágil em relação ao masculino, conferindo diferentes lugares sociais para mulheres e homens, fazendo com que “o lar passe a ser reconhecido como de domínio da mulher, que nele poderia exercer, na sua plenitude, as virtudes consideradas do seu sexo tais como a paciência, a intuição, a benevolência, entre outras” (LOURO; FELIPE, GOELLNER, 2012, p. 31). Em relação a mulher e na perspectiva de dispositivo da sexualidade, o sujeito homossexual é “sexualizado” e visto por muitos com estranheza e preconceitos, vestígios dos paradigmas histórico e culturais relacionados ao homossexualismo (quando fora visto como doença/patologia), em contrapartida, o sujeito heterossexual é/era visto como aquele livre de repressões, pertencendo ao lugar de identidade hegemônica privilegiada pela sociedade.

As diferenças expostas são percebidas no currículo escolar pela (des)valorização das contribuições de determinados grupos sociais para a construção de culturas, saberes, e ciência, neste caso, homens, em detrimento mulheres e homossexuais e no próprio cotidiano da escola por comportamentos e falas de professores e alunos, tanto que, “no espaço escolar são rotuladas as bichinhas, afeminado, mariquinha, viado, sapatona, machona, entre outros” (SANTOS, 2010, p. 8). Por outro lado, no currículo escolar o homem heterossexual sempre esteve representado por meio de suas contribuições sociais, em exemplos de atividades, em textos literários ou por suas descobertas científicas. A escola normaliza esta identidade, exclusivamente a heterossexual, à medida que:

Como refere Louro (2000), [...] ‘desde os primeiros anos de vida, várias instâncias sociais, em especial a família e a escola, realizam um investimento continuado e cuidadoso no sentido de garantir a ‘aquisição’ da heterossexualidade’ (p.69). Deste modo, se põe em funcionamento um processo de heteronormatividade que tem como foco de investimento a vigilância do corpo (tanto externa quanto exercida pelo próprio indivíduo – examinar-se, controlar-se, governar-se) (SABAT, 2004). (SANTOS, 2010, p.5)

A escola no exercício de sua função, pode e deve problematizar as relações de gênero e sexualidade que instituem determinados modos de ver e classificar os sujeitos, trata-se de um desafio modificá-la para que seja espaço para transformar e mudar as relações desiguais que ora são veiculadas por um discurso conservador e que normaliza que a sexualidade como heteronormativa e o gênero se resume a homem e mulher (ser biológico), silenciando a questão de que são diversos os gêneros hoje existentes e que lutam por reconhecimento e espaço no dentro dela e no currículo.

### **Um currículo problematizador quando se falar em gênero e sexualidade**

Como referência para resistir ao currículo conservador e oficial, há de ocorrer movimentos que transformem as atuais posições em que se encontram certos sujeitos, quando se trata de gênero e sexualidade. Nesse sentido uma via para isso ser possível mudar é pela instalação de práticas de um currículo problematizador.

Em *Corpo, Gênero e Sexualidade*, Louro (2012) descreve que o currículo atual reafirma a identidade masculina, branca, heterossexual como uma identidade sólida, não problemática, permanente e um referencial confiável, através de narrativas históricas e textos literários, enquanto todas as outras produções da cultura são excluídas do currículo ou ocupam a posição do exótico, estando de algum modo subordinadas a identidade central.

Para abordar gênero e sexualidade no ambiente escolar, segundo Silva (2014) é necessário que o atual currículo tradicional deixe de tratar as identidades e as diferenças como questão de multiplicidade em temas transversais e comece a tratá-las como questão política, onde se questione: como a identidade e a diferença são produzidas? Quais os mecanismos e as instituições que estão ativamente nas criações da sua identidade? Essas questões guiarão o planejamento de um currículo, colocando no centro do ensino uma teoria que permitiria questionar as relações de poder e os processos de diferenciações sociais.

Os autores reiteram há necessidade de que docentes se voltem para práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade; reafirmam a identidade como algo instável, fragmentada e inacabada; estejam atentos às representações que os sujeitos recebem no currículo e quais possibilidades, destinos e restrições a sociedade atribui a este sujeito, com finalidade de que as discriminações, preconceitos e estereótipos não sejam disseminados no meio educacional.

### **Procedimentos Metodológicos**

O estudo ocorreu em uma abordagem qualitativa tratando de uma pesquisa de campo

(GIL, 2008). Para a pesquisa, foram entrevistados três professores da rede pública de ensino do Estado do Amapá que possuem mais de oito anos de experiência na docência, destes, um é formado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará (UFPA) com mestrado em Biodiversidade Tropical – PPGGIO; outra formada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) com pós graduação em Docência do Ensino Superior - CETE e terceiro é formado em Ciências Naturais pela Fundação Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) com pós graduação em gestão escolar, sendo, todos atuantes no 8º ano do Ensino Fundamental II de diferentes Escolas Estaduais, cada uma delas localizadas nos Bairros Santa Rita, Infraero II e Centro, na cidade de Macapá-AP. Os professores que participaram da pesquisa foram denominados por pseudônimos Professor André, Professora Ana e Professor Junior.

Os participantes foram devidamente esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre esclarecido, respeitando os procedimentos éticos de pesquisa.

As coletas de dados ocorreram ao longo do mês de maio de 2021, por meio levantamento documental através de obtenção dos materiais didáticos fornecidos pelos docentes e de entrevista semiestruturada, realizada individualmente via Google Meet, escolha apropriada considerando a necessidade distanciamento social recomendado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) devido a pandemia da COVID-19. As questões formuladas para entrevista foram relacionadas aos conceitos e importâncias de Gênero e Sexualidade no ensino de Ciências, prática docente.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente, as falas foram transcritas para leitura e construção de categorias temáticas por agrupamento de fragmentos de relatos dos professores. Como técnica de análise, utilizou-se a análise enunciativa a luz do referencial teórico pós-estruturalista, considerando os conceitos de sexualidade e discurso de Michel Foucault, bem como a noção de currículo problematizador defendido por Louro (2012), o qual busca desconstruir as relações de poder envolvidas na sua (re)produção do currículo no contexto escolar, ambos como referencial teórico para as análises desse estudo. No processo de análise, as categorias temáticas que se apresentaram como resultados estiveram envolvidas com os entendimentos de gênero e sexualidade inseridos pelos professores nas aulas de ciências.

## **Análise – Noções de Gênero e Sexualidade**

No que diz respeito a sexualidade, os enunciados produzidos pelos docentes, que aqui chamaremos de professores André, Ana e Junior, em sua maioria se expressam de maneira direcionada a prática do sexo entre pessoas heterossexuais, bem como as infecções sexualmente transmissíveis e os sistemas reprodutores dos corpos femininos e masculinos, de modo que não se ampliam além das normas aceitas socialmente como os temas mais adequados de serem tratados no currículo escolar.

Quando questionados acerca de quais os conhecimentos sobre sexualidade os professores consideram importantes de os alunos aprenderem, obtivemos as seguintes falas:

Acho importante dos alunos terem a segurança que podem perguntar e principalmente saberem quando devem iniciar a vida sexual, explico que é uma situação que deve ser pensada com detalhes e o mais importante de tudo se fala

sobre doenças sexualmentetransmissíveis, pois, está escrito na testa da pessoas que elas tem algum tipo de doença, aconselho que quando ainda tiverem dúvida não prosseguirem e tirem as suas dúvidas porque quanto mais esclarecido estiverem a futura vida sexual será mais tranquila, a gente sabe que hoje a **vida sexual é muito mais precoce podendo ter uma gravidez** não planejada ou uma doença sexualmente transmissível (PROFESSOR ANDRÉ)

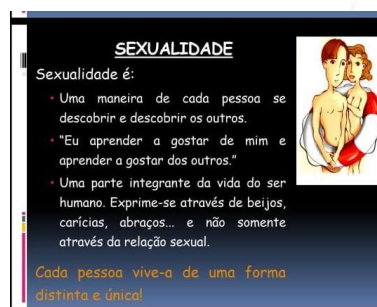
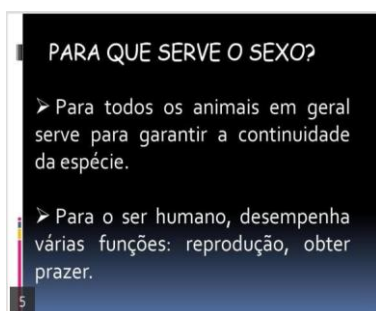
Tenho uma mente aberta para entender esses conceitos (gênero e sexualidade), mas ainda estou aprendendo, não domino, eu tento seguir as orientações do RCA (referencial curricular amapaense), falando sobre o sexo biológico, **orientação sexual**, identidade de gênero” (PROFESSORA ANA)

Sistema reprodutor **masculino e feminino** e seus principais órgãos; o desenvolvimento da puberdade, adolescência, gravidez, métodos contraceptivos, preservativos e doenças sexualmente transmissíveis são os mais importantes a meu ver” (PROFESSOR JUNIOR)

Percebe-se que somente a Professora Ana reconhece a sexualidade em sua diversidade, abordando também a orientação sexual do indivíduo, permitindo que a homossexualidade e a bissexualidade não sejam associadas pelos alunos ao inapropriado e ao imoral, mas que sejam percebidas como uma vivência sexual comum, tanto quanto a heterossexualidade. Os demais professores consideram a sexualidade inteiramente em seu âmbito biológico e sua ênfase em reprodução humana ao se referirem a gravidez na adolescência, aparelho reprodutor masculino/feminino, ambos colaboram para a manutenção da heteronormatividade empregada no ambiente escolar, visto que, acabam justificando o ato sexual com finalidade reprodutiva, desconsiderando o sexo entre pessoas do mesmo gênero, o que também deveriam ser respeitados ao desenvolver a habilidade de conhecimento das prevenções de infecções sexualmente transmissíveis (IST).

As diferenças quanto as noções de sexualidade entres os docentes entrevistados também se exprime nos materiais didáticos usados em sala de aula:

**Imagens 1 e 2** - Slides expostos na aula nomeada “sexo e reprodução



Fonte: Material do Professor André

A funcionalidade do sexo como “continuidade da espécie” manifestado no material didático do docente, está associado à além dos saberes biológicos e científicos, mas a fatores históricos que preserva o sexo unicamente a reprodução, onde, desde a ainda média a Igreja conferiu conotação pecaminosa, impura e imoral a sexualidade (FOUCAULT, 2018), criando uma “moral sexual que condenava severamente a utilização de recursos medicinais



contra a concepção, a interrupção do ato sexual, assim como, o prazer” (BARROS; MIRANDA, 2019, p. 15), tendo a ideia de que a procriação é única forma de justificar a sexualidade.

A sexualidade como forma de obter prazer apresentada pelo professor André passou a ser entendida na idade contemporânea a partir de significativos avanços sociais que não considerava mais a igreja como a única forma de saber, neste período destaca-se Freud, que por meio da psicanálise humana iniciou uma revolução a respeito de como a sexualidade era interpretada. “Para Freud, a sexualidade não se resumia apenas ao instinto sexual ou aos órgãos sexuais propriamente ditos, pois suas pesquisas o levaram a crer que existiam outras formas de se encontrar o prazer, e que estas se iniciavam ainda na infância” (BARROS; MIRANDA, 2019, p. 20).

Se nota que ao conceituar a sexualidade o professor André destaca a imagem de um homem e uma mulher, onde, nem mesmo expressa a possibilidade da relação sexual entre pessoas do mesmo sexo biológico, ressaltando o padrão de sexualidade (o heteronormativo), visto que, “a força da norma adquire maior expressividade quando passamos a relacioná-la e a interpretá-la no sentido do que deve ser, ou seja, no sentido do que é, supostamente, “natural” ser” (SANTOS, 2010, p.4).

Em contrapartida, o material didático da Professora Ana se mostra diferenciado de modo que menciona as outras formas de vivência da sexualidade além do heterossexual.

**Imagem 3-** Apostila entregue aos alunos da aula nomeada “sexualidade humana: sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero”

**Orientação sexual:** descreve por que tipo de pessoa se sente atração afetiva ou sexual. Ela geralmente se divide em orientação heterossexual, homossexual e bissexual. Apesar dessa classificação, hoje a orientação sexual tende a ser uma variação de um extremo a outro.

Fonte: Material da Professora Ana

Apresentar a sexualidade na amplitude que ela realmente acontece é um caminho para combater as homofobias e preconceitos, entretanto, nenhum dos docentes demonstraram problematizar em suas aulas como e por que as “outras” formas de praticar a sexualidade além da heterossexualidade são definidas como diferentes na sociedade, o que de acordo com Louro(2012) se faz insuficiente para a compreensão das representações de poder ligadas intrinsecamente às construções das identidades, uma vez que elas se constroem durante a vida do indivíduo, já sendo iniciadas no seu nascimento.

Quanto ao gênero, os docentes apresentam suas concepções voltadas as questões de identidades de gênero e demonstram atenção para que os alunos compreendam esta temática com respeito e reconhecimento da diversidade, tal cuidado pode ser reconhecido em suas falas:

“Gênero seria feminino e masculino, a gente dar o estereótipo masculino e feminino e tento explicar que existem mais que esses estereótipos que estejam vinculados, **pode ser uma mulher presa em masculino ou um homem preso em um corpo feminino, a gente tenta abrir de todas as formas para que**

**os alunos compreendam essa nova mudança e que de alguma forma a gente tem que aprender a lidar com isso e respeitar essa situação [...]**a um tempo atrás era tratado somente o gênero homem e mulher e desde sempre teve pessoas com suas especificidades era possível perceber uma tia com características mais masculinas ou um primo com características mais feminino e não sabíamos como abordar isso, por muito tempo e até hoje é visto com um olhar diferenciado e até discriminatório[...] **se em sala de aula passarmos o conhecimento que só existe 2 gêneros de homem e mulher a gente vai estar bloqueando o conhecimento do aluno entender essas questões.**” (PROFESSOR ANDRÉ)

“é importante dos alunos aprenderem a diferenciar termos que ainda muita gente confunde que por não entender tem uma aversão, uma conversinha, os conceitos sobre gênero e identidade de gênero que são conceitos mais complexos.” (PROFESSORA ANA)

“[...] Gênero pode ser visto de **2 formas o gênero normal que é o gênero biológico feminino masculino e a identidade de gênero que é como uma pessoa se identifica independente do seu sexo biológico [...]** é um tema que está sendo bem atualizado na vida cotidiana do aluno, sobre gênero, identificação de gênero, sexualidade, então, trazer esses temas para dentro da escola a gente vai estar trabalhando exatamente a realidade social daquele aluno não só dentro da escola, mas fora dela.” (PROFESSORJUNIOR)

Os professores reconhecem a importância de debater sobre a identidade de gênero para valorização do próprio indivíduo e reconhecem o assunto como sendo parte da sociedade atual que em algum momento da vida o aluno irá se deparar em outros sujeitos ou até nele mesmo, entretanto, apesar dos professores mencionarem trabalhar o tema de identidade de gênero em suas aulas somente no material didático da Professora Ana identificamos este tópico.

**Imagens 3 e 4** - Apostila entregue aos alunos da aula nomeada “sexualidade humana: sexo, gênero, orientação sexual e identidade de gênero”



**Identidade de gênero:** Relacionado a qual gênero a pessoa se identifica. Transgêneros são pessoas cuja identidade de gênero ou expressão de identidade difere de seu sexo biológico. Quando a identidade de gênero é coerente com o sexo biológico de uma pessoa o termo usado é cisgênero.

Fonte: Material da Professora Ana

A forma como os professores evidenciam em suas falas e nos materiais utilizados em sala de aula a liberdade do sujeito ter autonomia de poder não se identificar com o gênero biológico é necessário abrir o debate e dar voz as pessoas transgêneros que sofrem para serem reconhecidas, sendo uma forma de combater as normas imprimidas socialmente que

marginalizam esses indivíduos, visto que, compreende-se que a inclusão ou a exclusão no currículo tem conexões com a inclusão ou exclusão na sociedade.

Apesar dos professores discutirem as questões de identidade de gênero, notamos a abordagem das normalizações quanto a sexualidade, nos assuntos de ciências, operam sobre os gêneros (masculino e feminino) nas falas dos docentes, tendo a ausência de práticas que instituem um currículo que tensione desestabilizar as “verdades” e desigualdades, ao se problematizar a construção dos sistemas de subordinação social e de classificação hierárquica que rotulam as posições sociais de mulheres, transexuais, lésbicas, gays, bissexuais, como uma espécie de segundo sexo, um gênero inferior meio familiar, social, cultural e científico. Prevalece um discurso de manter a boa convivência, o respeito, a quebra de estereótipos, todavia, para o currículo ir além, requer maior problematização das posições dos sujeitos quando se trata de gênero e sexualidade.

## **Considerações Finais**

Em uma perspectiva pós-estruturalista, entende-se o gênero e a sexualidade como uma produção histórica sociocultural que se instituem por relações de poder estabelecidas por meio de discursos que instituem naturalizações e diferenciações, bem como, demarcam o que é dito como adequado, moral e imoral. Estas relações são produzidas e reproduzidas em diferentes espaços sociais, inclusive no currículo escolar, na fala do professor, sendo fonte de desigualdades, discriminações e exclusões em meios sociais, econômicos e culturais.

Visando um currículo que problematize tais questões, objetivando o decréscimo dessas desigualdades, esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, analisar as concepções de gênero e sexualidade introduzidas nas aulas de Ciências, investigando por meio dos discursos docentes, para isto, realizou-se entrevista semiestruturada com questões relacionadas aos conceitos e importância de Gênero e Sexualidade no ensino de Ciências, as práticas discursivas dos docentes.

Os docentes pesquisados, todos utilizam em suas aulas as noções de gênero e de sexualidade voltadas principalmente a perspectiva biológica, representada pela reprodução humana, puberdade e infecções sexualmente transmissíveis, mas também um dos três aborda em sentido de gênero, de modo que faz os sujeitos alunos reconheçam as diversidades de existência, de orientação sexual e de identidade de gênero. Todavia, ainda é incipiente a problematização acerca das relações de poder que denominam o normal e o não convencional quando se trata dos modos de se viver o gênero e a sexualidade. Não problematizar o currículo escolar contribui para que os docentes deixem de abrir espaço para refletir em suas aulas, sobre as desigualdades que se opera pelo currículo escolar, para ensaiar mudanças.

Foi evidente que os professores não negligenciam ensinar acerca de gênero e sexualidade, de modo geral, demonstraram estarem dispostos e não se sentem desconfortáveis ao tratar o tema, entretanto, o modo como os mesmos abordam a temática em sala de aula acaba se tornando pouco suficiente para um currículo problematizador, visto que, este ensino quando tratado além da abordagem biológica se resume em mera abordagem quanto a convivência e questão de respeito para com a diversidade de gênero.

Diante disso, visualiza-se a necessidade de novas pesquisas que visem aprofundar o problema de pesquisa aqui levantando, investigando acerca da formação continuada dos professores, assim como investigando se suas opiniões políticas e religiosas, interferem no processo de ensino do professor ao se tratar de gênero e sexualidade na disciplina de ciências.

As discussões sobre gênero devem permanecer inseridas e ser problematizadas no campo educacional por meio de debates e de divulgação da produção científica, sobretudo para os professores que trabalham diretamente com a formação de crianças, para proporcionar discussões que visem à elaboração de métodos e recursos pedagógicos a serem empregados na prática, para evitar a desigualdade e preconceitos em função do gênero e da sexualidade.

## Referências

- AMAPÁ, **Referencial Curricular Amapaense: Educação infantil e fundamental**, Conselho Estadual de Educação: Amapá, 2019.
- BARROS, Márcia G. F. B.; MIRANDA, J. C. **Sexualidade: perspectiva histórica e significação cultural**. Acta Biomedica Brasiliensia, v.10, n.1, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**, Tradução de Maria Albuquerque e Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2018.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LOURO, Guaraci L. L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (orgs.). **Corpo Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis RJ: Vozes, 2012.
- MACHADO, Gabriella E.; NARVAES, Andréa B.; OLIVEIRA, Valeska M. F. **Políticas de formação docentes e as questões de gêneros e sexualidades**. Comunistas, v.5, n.9. Mar. 2021.
- PARAÍSO, Marlucy; CALDEIRA, Maria C. S. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidade**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.
- REIS, N. **(Re)invenções dos corpos nas experiências de não-binariedade de gênero**. Letras Escreve, v.7, n.1, 2017.
- SANTOS, Jean J.; SANTOS, Elder C. **Homofobia e Escola: Uma revisão sistematizada da literatura**. Subjetividades, v. 20. Especial 1. 2020.
- SANTOS, Luís. Heteronormatividade e educação: **Algumas questões para (re)pensar o cotidiano escolar**. Anais do XV ENDIPE: Convergências e tensões no campo da formação do trabalho docente: políticas e práticas educacionais, Belo Horizonte, 2010.
- SILVA, Alaiane de Fátima dos Santos; SILVA, Daiana da; SANTOS, Iara Amora dos. **Por uma educação não sexista**. Rio de Janeiro: Camtra, 2009.
- SILVA. Tomaz Tadeu (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.